

A close-up portrait of Maria Firmina dos Reis, a Black woman with dark, curly hair, looking directly at the camera with a serious expression. The background is a warm, textured brown.

MARIA FIRMINA DOS REIS:

Uma análise necessária

*Ana Célia Pereira Damasceno de Macêdo
Kaio Germano Sousa da Silva
Celiana Lima da Silva*



MARIA FIRMINA DOS REIS:

Uma análise necessária



Séria Comunicação



MARIA FIRMINA DOS REIS:

Uma análise necessária

Ana Célia Pereira Damasceno de Macêdo

Kaio Germano Sousa da Silva

Celiana Lima da Silva



Maria Firmina dos Reis:

Uma análise necessária

Copyright © 2024

de Macêdo, Ana Célia Pereira Damasceno

da Silva, Kaio Germano Sousa

da Silva, Celiana Lima

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Maria Firmina dos Reis [livro eletrônico] : uma análise necessária / Ana Célia Pereira Damasceno de Macêdo, Kaio Germano Sousa da Silva, Celiana Lima da Silva. -- São Paulo : Séria Comunicação, 2024.

PDF

Bibliografia

ISBN 978-65-994433-6-7

1. Escritoras brasileiras - Biografia
2. Literatura de cordel
3. Mulheres na literatura
4. Poesia brasileira I. Silva, Kaio Germano Sousa da. II. Silva, Celiana Lima da. III. Título.

24-209085

CDD-928.699

Índices para catálogo sistemático:

1. Escritoras brasileiras : Biografia 928.699

Eliane de Freitas Leite - Bibliotecária - CRB 8/8415

CONSELHO EDITORIAL

Fernando Aires Joaquim

Journalista - Gerente de Projetos

Sarah Fernanda Pereira Rodrigues

Programadora master, escritora e diagramadora

João Manuel Joaquim Gabriel

Designer, escritor e diagramador

Profª Balbina de Lourdes Joaquim

Escritora, revisora e tradutora

Profª.Dra. Fernanda de Oliveira Gomes (UFPI).

Profº. Me. Kaio Germano Sousa da Silva (UFPI)

PROFª. ME. Thyanne Torres Costa (UFPI)

PROFº. ME. Luiz Eduardo Lima Ribeiro (UESPI)

PROFª. Dra. Liejy Agnes dos Santos Raposo Landim (UFPI-UNIFSA)



ISBN: 978-65-994433-6-7





SUMÁRIO

Apresentação.....	10
Cap.I: Narrativas Bibliográficas	12
Cap.II: Marcas e Vozes da Condição de Gênero e Etnia em Ursula: “Eu posso falar”	19
A Voz de Ursula	22
A Metodologia	26
Ecoa a voz Maranhense de Maria Firmina	28
A Discriminação de Mulheres Negras.....	33





Considerações 37

Cap. III:
Uma Viagem nas Obras
Firminianas 40

Cap. IV:
Teorias Firminianas 63

Referências 71

Sobre os autores 75

‘





APRESENTAÇÃO

Nos traços de sua pena, ecoa a voz,
Maria Firmina, alma audaz e singular,
Na teia das palavras, ela compõe a luz,
Desafia o silêncio, faz a verdade brilhar.

Poetisa da luta, da justiça e da dor,
Tece versos que ecoam a libertação,
Em cada estrofe, revela o clamor,
Das vozes silenciadas, da negra nação.

10

Sua escrita é um farol, guia na escuridão,
Denuncia a opressão, resgata a dignidade,
Na tinta de suas linhas, floresce a emoção,
Maria Firmina, voz da igualdade.

Nas entrelinhas de seus versos, ecoa a resistência,
Contra a escravidão, contra toda injustiça,
Seu legado ecoa com plena insistência,
Convida-nos à luta, à busca pela justiça.

Oh, Maria Firmina, teu nome brilha forte,
Na constelação dos que ousaram sonhar,
Tu és luz, inspiração, eterna e nobre sorte,
Em cada verso, tua voz continuará a ecoar.

*(Kaio Germano, poema escrito
somente para essa obra)*





Imagem representativa de Maria Firmina. Luzinei Araújo
Instituto Histórico e Geográfico de Guimarães (MA), 2018



Capítulo I

NARRATIVAS BIBLIOGRÁFICAS

*“Eu a vi - gentil mimosa,
Os lábios da cor da rosa,
A voz um hino de amor!
Eu a vi, lânguida, e bela:
E ele a rever-se nela:
Ele colibri - ela flor”*

Maria Firmina dos Reis

12

Maria Firmina dos Reis foi uma escritora e educadora brasileira, nascida em São Luís, Maranhão, em 1825, e falecida em 1917 na cidade de Guimarães, no estado do Maranhão, onde passou grande parte de sua vida. Reconhecida como a primeira romancista brasileira, Firmina deixou um legado importante na literatura brasileira, especialmente por seu engajamento social e pela abordagem de temas como o racismo, a escravidão e a condição da mulher.

Sua obra mais conhecida é o romance "Úrsula", publicado em 1859, que é considerado o primeiro romance abolicionista do Brasil. Nesta obra, a escritora critica a escravidão e expõe





as injustiças sociais enfrentadas pelos escravizados, além de abordar questões relacionadas à liberdade, igualdade e dignidade humana.

Além de "Úrsula", Maria Firmina dos Reis escreveu diversos outros textos, incluindo poemas, contos e crônicas, muitos dos quais foram publicados em periódicos da época. Sua escrita era marcada por uma linguagem refinada e um profundo compromisso com a denúncia das injustiças sociais e a defesa dos direitos humanos.

Sua contribuição para a literatura brasileira, Maria Firmina dos Reis também teve uma importante atuação como educadora. Ela foi a primeira professora pública do Maranhão e dedicou sua vida ao ensino e à promoção da educação para todos, independentemente de raça ou classe social.

Apesar de ter sido pouco reconhecida em vida, Firmina é hoje reverenciada como uma das vozes mais importantes da literatura brasileira do século XIX. Sua obra continua a inspirar gerações de escritores e leitores, e seu compromisso com a justiça social e a igualdade permanece relevante até os dias de hoje.

Maria Firmina dos Reis também foi uma pioneira no feminismo brasileiro. Em uma época



em que as mulheres tinham pouca voz na sociedade, ela se destacou como uma escritora e intelectual, abordando temas como a emancipação feminina, a educação das mulheres e a luta pelos direitos das mulheres.

14

Além de sua produção literária e ativismo social, Maria Firmina também foi uma figura importante na luta pela preservação da cultura e da história afro-brasileira. Em suas obras, ela resgatou a cultura, a língua e as tradições dos povos africanos e afrodescendentes, contribuindo para a valorização e o reconhecimento da herança cultural africana na sociedade brasileira.

Apesar de ter vivido em uma época marcada pelo preconceito e pela discriminação racial e de gênero, Maria Firmina dos Reis deixou uma trajetória poderosa que continua a inspirar e influenciar gerações. Sua coragem, determinação e compromisso com a justiça social deixaram uma marca indelével na história do Brasil, tornando-a uma figura essencial não apenas na literatura brasileira, mas também na luta por um mundo mais justo, igualitário e inclusivo.

Maria Firmina dos Reis foi uma figura singular, cujo trabalho transcendeu as barreiras de





sua época e continua a ressoar nos dias de hoje. Sua coragem em abordar temas sensíveis, como a escravidão e o papel da mulher na sociedade, foi fundamental para abrir caminho para futuras historiografia de escritores e ativistas. Além disso, sua dedicação à educação e sua defesa dos direitos humanos destacam sua importância como uma voz progressista e visionária em um período de grande turbulência e desigualdade.

Maria Firmina dos Reis é um exemplo de como a literatura pode ser uma ferramenta poderosa para a mudança social e a conscientização. Sua obra continua a inspirar aqueles que lutam por um mundo mais justo e igualitário, e seu compromisso com a justiça e a igualdade são ressalvas de importância de caracterizar em ser vigilantes na busca por um futuro melhor para todos.

Ao reconhecer Firmina dos Reis, também reconhece - se a necessidade contínua de promover a diversidade e a inclusão em todas as esferas da sociedade. Sua vida são de suma importância em propor vozes e perspectivas de todos, independentemente de sua origem, gênero ou condição social.

Diante do legado de Maria Firmina dos Reis,



percebe - se que sua contribuição transcendeu as fronteiras da literatura, influenciando não apenas a cultura brasileira, mas também a consciência social e política de seu tempo. Portanto, ao continuar a explorar e estudar a vida e obra de Maria Firmina dos Reis, permite - se aprender não apenas sobre a história do Brasil, mas também sobre a importância da resistência, da perseverança e da luta pelos direitos humanos. Que sua memória e legado sejam preservados e celebrados, para que continuidade possa sempre levar sua mensagem de esperança, justiça e igualdade.

16

A lembrança de Maria Firmina dos Reis é essencial não apenas para honrar sua contribuição significativa para a literatura e para a luta pelos direitos humanos, mas também para garantir que suas ideias e valores continuem a guiar as gerações futuras. À medida que avança - se no tempo, é fundamental preservar e compartilhar sua história, suas obras, a fim de inspirar e educar as pessoas sobre a importância da justiça social, da igualdade e da valorização da diversidade.

Ao celebrar Maria Firmina dos Reis, é reafirmar o compromisso com os ideais pelos quais





ela lutou e comprometer sempre a continuar sua missão de construir um mundo mais inclusivo, compassivo e equitativo para todos. Que sua vida e obra continuem a nos inspirar e nos motivar a agir em prol de um futuro melhor, onde cada indivíduo seja respeitado, valorizado e capacitado a realizar seu potencial máximo.

É fundamental que a memória de Maria Firmina dos Reis seja preservada não apenas como uma figura histórica, mas também como um símbolo de resistência e progresso. Seu legado lembra da importância de reconhecer e valorizar as contribuições de todas as pessoas, independentemente de sua origem ou condição, e de continuar lutando por uma sociedade mais justa e inclusiva.

Ao reconhecer o papel de Maria Firmina dos Reis na história do Brasil, também reconhece-se a necessidade de ampliar o alcance de sua mensagem e garantir que suas obras sejam acessíveis a todos. Isso inclui não apenas a disseminação de seu trabalho em instituições educacionais e culturais, mas também a promoção de estudos e pesquisas que explorem sua vida e sua obra de maneira mais aprofundada.

É importante incentivar a produção de novas



obras inspiradas pelo legado de Maria Firmina dos Reis, destacando sua relevância para os desafios e questões enfrentados pela sociedade contemporânea. Ao fazermos isso, mantemos viva sua mensagem de esperança, igualdade e justiça para as gerações futuras.

18

Ao recordar - se a vida e obra de Firmina dos Reis, é importante não apenas conceituar suas conquistas, mas também refletir sobre as lições que podem ser extraídas de sua história. Sua determinação em enfrentar as injustiças e sua capacidade de dar voz aos marginalizados são inspirações a continuar lutando por um mundo mais justo e inclusivo, onde todos tenham a oportunidade de viver com dignidade e igualdade. Maria Firmina dos Reis é, sem dúvida, uma figura inspiradora que merece ser lembrada e celebrada por suas contribuições significativas para a cultura e a história do Brasil.

Em suma, a continuação do legado de Maria Firmina dos Reis é um compromisso com a promoção dos valores de igualdade, justiça e inclusão que ela tanto defendeu em sua vida. Que sua memória continue a inspirar e guiar aqueles que buscam um mundo mais justo e humano.





Capítulo II

MARCAS E VOZES DA CONDIÇÃO DE GÊNERO E ETNIA EM URSULA: EU POSSO FALAR

*“A voz de minha bisavó
ecoou criança
nos porões do navio.
Ecoou lamentos
de uma infância perdida”.*
Conceição Evaristo

19

Durante a segunda metade do século XIX, a sociedade brasileira passou por mudanças fundamentais nos campos políticos, sociais e conseqüentemente na forma de ver e entender a nova realidade que estavam vivendo.

No caminho que se percorreu até a Abolição da Escravatura (1535-1888), muitos fatos foram de fundamental importância para a concretização deste movimento. As rebeliões, as fugas, os quilombos, os trabalhos mal executados ou não cumpridos eram formas de manifestações dos





negros que esbarravam em uma legislação rígida e um aparelho repressivo bem constituído que sufocavam as revoltas e impediam a concretização dos ideais de liberdade dos escravos.

O processo de emancipação aspirado pelos negros só ganhou força a partir da segunda metade do século XIX quando o protesto de alguns setores da classe dominante se juntou à luta dos negros.

20

Além disso, setores mais intelectualizados – uma espécie de “vanguarda da consciência transformadora” – eram os principais propagadores de ideias novas que agitava o Brasil. Muitas dessas ideias que se difundiram no século XIX, como o Positivismo, o Darwinismo e o Determinismo repercutiram na política do país, pois se adequavam aos interesses e aspirações das novas classes e camadas sociais que se sentiam insatisfeitas. Era expressiva, por exemplo, a contestação ao sistema eleitoral (indireto e censitário) criado pela Constituição de 1824.

Para entender este período salienta-se a identificação de algumas tendências “objetivas” que são geradas a partir da realidade dos países desenvolvidos, do “centro capitalista”, como a mudança da “sociedade da produção” para a





do consumo; a proliferação de novas categorias de trabalhadores profissionais e dos serviços; e a revolução eletrônica e o novo poder da mídia na formação da cultura e da subjetividade.

No mundo inteiro, a população concentrava-se cada vez mais nos centros urbanos, buscando o acesso à escolarização, à informação e aos meios de comunicação, ainda que os processos que envolviam novas e antigas hierarquias e desigualdades se tornavam cada vez maior.

No terceiro mundo, havia uma nova e grande onda de resistência à histórica dominação colonial, que se relacionava não apenas com antigas relações de poder, mas com o crescimento de novas expectativas de uma vida melhor que também faziam parte da “modernidade periférica”; suas porta-vozes, não poucas vezes, eram os jovens intelectuais desses países, que usufruíam de um acesso privilegiado às novas formas de capital cultural que se desenvolviam no ocidente. Cada uma destas mudanças pode ser interpretada de diversas formas. As mudanças no mundo do trabalho e a alegada perda da centralidade da figura do trabalhador como ator social por excelência, por exemplo, já gerariam ampla polêmica; a noção de informação ou de capital





cultural como forma de poder que se tornava cada mais significativa e determinante.

Não há pretensão de aqui fazer uma análise história social da época, mas um balanço interpretativo das mudanças ocorridas, que são, nesse sentido, fundamentais para se entender o mundo social contemporâneo e também as teorias que visam explicá-lo, objeto de trabalho desse estudo. Assim, identifica-se alguns efeitos mais duradouros dos movimentos da década de 60 e algumas formas e medidas que mudaram o *modus vivendi* e o *modus operandis*.

22

A VOZ DE ÚRSULA

Chega-se então em *Úrsula*, obra de autoria de Maria Firmina dos Reis, publicada na então província do Maranhão, em 1859, o primeiro romance abolicionista escrito por uma mulher negra e nordestina no Brasil. Foi, a primeira obra brasileira responsável por garantir voz às vítimas da escravidão e às suas dores individuais e coletivas. Ressaltar a sua relevância histórica e social, é sem sombra de dúvida, sua maior e importante riqueza.





Úrsula permaneceu no ostracismo até 1962, quando foi redescoberta pelo bibliógrafo Horácio de Almeida. Maria Firmina dos Reis foi uma mulher que, ao seu modo e com as ferramentas que possuía, desafiou a ordem posta pela sociedade escravocrata, patriarcal e misógina brasileira do século XIX. Nascida, provavelmente, aos 11 de março de 1822, na então província do Maranhão, situada entre as regiões Norte e Nordeste do país, onde foi registrada uma das mais altas concentrações de escravos, que alcançou, somente naquele ano, cerca de 56% da sua população.

23

Úrsula era negra e filha de escravos alforriados, os quais não eram casados entre si, e dotada de poucas posses, foi obrigada a suportar, desde sempre, um triplo viés de exclusão: sua raça, origem social e condição feminina. O livro, entretanto, inova ao dar voz aos escravizados, expor analiticamente a condição de subalternização das mulheres e criticar – direta e indiretamente – o modelo de exploração física, econômica e social decorrente da escravidão.

Úrsula é fruto do seu tempo - e dos seus contatempores. Tal obra veio ao mundo por meio da escrita corajosa de uma mulher, que apesar



de todos os seus dons e cabedal técnico, viveu subalterna, invisível, como era comum às mulheres daquela época, por ação própria ou capitaneada pelos homens que comandavam suas vidas, isto é, por seus pais, maridos, irmãos, filhos e assemelhados.

24 No Brasil colonial de Úrsula, as mulheres eram tidas como meros apêndices de uma sociedade projetada, organizada e determinada pelas regras e costumes dos homens, quais sejam, brancos e, principalmente, latifundiários. Usualmente, mulheres não apareciam em público, exceto em ocasiões especiais ou eventos religiosos; não tinham contatos com estranhos aos laços familiares nem deveriam ser dadas a travar diálogos – sobretudo, se desacompanhadas - com homens (Rezzutti, 2018, p. 79).

Até então, nenhuma mulher negra havia conseguido chegar tão longe. De

fato, entre o início e a metade do século XIX, às mulheres, principalmente, as negras, em regra, não eram franqueadas a fala. Não porque elas não queriam ou não soubessem o que falar, mas porque não lhes era permitido pelos seus “senhores”. Mulheres negras eram entendidas, majoritariamente, como objetos de exploração





física e/ou sexual (Schwarcz, 2019, p. 190).

Era quase impossível imaginar que uma mulher negra e descendente de escravos alforriados, tal qual Maria Firmina dos Reis, pudesse ter qualquer direcionamento para as letras. Repisa-se: não porque não quisesse nem tivesse talento genuíno para tal, mas porque as estruturas da escravidão, que não eram apenas econômicas e físicas, mas também culturais, não costumavam permitir a “ousadia” do rompimento para com os seus grilhões históricos (Schwarcz, 2019, p. 27-28). Independentemente das suas razões, o fato é que a perseverança de Maria Firmina dos Reis, ao firmar-se nos estudos, trilhar e sedimentar uma carreira de professora e, ainda, ousar escrever um romance de monta que acolhe sentimentos e vocaliza as reflexões dos escravizados, expõe claramente a situação de subalternização das mulheres, o que inclui as de ordens aristocráticas, e critica – direta e indiretamente – o modelo de exploração física, econômica e social decorrente da escravidão, já merece, por si, relevo e uma análise mais acurada.

Úrsula, pela primeira vez na literatura brasileira, traz a lume a dor, a voz e a vida nos entre-meios da escravidão, que jamais se renderam,



apesar de virulentamente capitaneadas pelos senhores da terra brasileiros.

26

Em Úrsula há um destaque incomum à vida, às lutas e aos anseios das personagens femininas, dotadas de uma natureza extremamente complexa, como bem revela durante o diálogo firme que travou com o seu tio, o Comendador Fernando P..., mesmo que sozinha e em lugar ermo (Reis, 2018, p. 128-129), é igualmente uma mulher que se coloca em face às próprias ameaças da sua vida e do seu destino, portanto, fora dos padrões coloniais e, ao final da obra, da sua entrega à loucura, como uma espécie de sintoma da sua resistência às iniquidades e ao sentimento doentio promovidos pelo mesmo em seu desfavor.

A METODOLOGIA

No que tange à metodologia, esta pesquisa é dotada de caráter bibliográfico interdisciplinar, à medida que se permeia o Direito, a Literatura, a Sociologia e a História. Registre-se ainda seu cunho documental, em razão da análise de documentos e normativas daquele perío-





do histórico. De igual modo, deve ser entendida como pesquisa aplicada, de natureza interseccional, considerando o seu intuito de colaborar, por meio dos dados aqui reunidos, para a construção de uma sociedade mais democrática, inclusiva e plural. Ademais, trata-se de uma pesquisa eminentemente qualitativa, dada a sua perspectiva na função de compreender o contexto, consoante explicitado.

Sendo um dos primeiros romances abolicionistas, *Úrsula*, é também o primeiro escrito por uma mulher na literatura brasileira. Maria Firmina dos Reis, é um exemplo de mulher que teve acesso à educação, mesmo sendo afro-brasileira. No Romance, consegue, em um típico enredo escravagista, abarrotar críticas ferrenhas as políticas sociais do ponto de vista negro e também feminino. Escrito em 1858, e sendo objeto de análise da presente pesquisa, é seguramente uma forma de expressar com vozes particulares e autonomia, por meio das personagens femininas: Mãe Susana, Úrsula, Adelaide e Mãe Luísa, um rompimento com os parâmetros de exclusão e a valorização, pela primeira vez, do ponto de vista de personagens pertencentes ao gênero feminino e às classes sociais subal-



ternizadas, coisa que até o presente momento, sequer cogitava esse tipo de manifestação ou posicionamento advindo desses sujeitos.

ECO A VOZ MARANHENSE DE MARIA FIRMINA

28 **A** escritora, Maria Firmina dos Reis, (1822-1917) nasceu na capital, São Luís, mas cresceu na cidade de Guimarães para onde se mudou aos cinco anos de idade, com sua avó, mãe, a irmã Amália Augusta dos Reis e a prima Balduína, para a casa de sua tia Henriqueta, na vila de Guimarães, próxima a São Luís, e; é relevante destacar que era prima, por parte de mãe, do escritor e professor maranhense Francisco Sotero dos Reis, por quem nutria eximia admiração por sua representação literária e intelectual (Morais Filho, 1975, p. 205). Dotada de uma personalidade reservada e melancólica, mas curiosa e sonhadora, Maria Firmina se tornou uma mulher forte e destemida e, que fez da educação a porta de acesso para reivindicações





e denúncias sociais, tendo a literatura como sua principal arma revolucionária.

Nesse sentido, pode-se dizer que por meio da educação a autora manifestou sua visão crítica quanto à sociedade em que vivia; ela deu voz a outras vozes femininas.

Maria Firmina dos Reis ainda impressionou a comunidade em que viveu fundando uma escola mista, algo inédito para a época de acordo com Duarte (2004). Sua educação transcendeu a formação das mulheres de seu tempo, o que pode ser comprovado nos relatos dos muitos escritos deixados pela autora, dando relevância à reconstituição histórica do papel da mulher na sociedade do século XIX no Brasil.

Considerando o racismo que estrutura a sociedade brasileira, pessoas negras enfrentam dificuldades reconhecidamente maiores em comparação a pessoas brancas. No mercado de trabalho, por exemplo, um desafio é a representatividade, considerando que pretos e pretas são minorias nas equipes de organizações e empresas.

Algo que ainda não mudou na sociedade brasileira é o fato de enxergar a população negra apenas pela ótica do social, do ativismo e



dos direitos humanos. Falta perceber o potencial que mulheres negras têm de movimentar a economia brasileira.

30 Outro aspecto latente na obra de importante e necessária reflexão, trata-se da questão racial, com tom abolicionista, ainda que sem caráter prescritivo; é possível notá-lo na figura do negro, representado em Úrsula, por meio de uma visão bastante distinta das demais obras que o retratam, isso porque aqui ele representa a figura da resistência, seja pelas vozes ali determinada ou mesmo pelo seu pensamento e atitudes no desenrolar da trama.

Maria Firmina dos Reis enobrece o negro, não apenas como um ser que se adapta ao que lhe foi imposto de modo apático, mas como alguém que resiste – refletindo e firmando posição contra aquele sistema de violência e apartação social.

É preciso citar um dos arquétipos mais robustos acerca dos discursos antiescravagistas presentes em Úrsula; o capítulo dedicado à Preta Susana, uma negra trazida à força da África para ser escravizada no Brasil, Maria Firmina, dá voz em primeira pessoa à personagem, re-





verbera, a partir de sua memória, todo processo de perda da sua identidade, quando exalta sua condição humana:

Vou contar-te o meu cativeiro. Tinha chegado o tempo da colheita, e o milho e o inhame e o mendubim eram em abundância nas nossas roças. Era um destes dias em que a natureza parece entregar-se toda a brados folgares, era uma manhã risonha, e bela, como o rosto de um infante, entretanto eu tinha um peso no coração. Sim, eu estava triste, e não sabia a que atribuir minha tristeza. Era a primeira vez que me afligia tão incompreensível pesar. Minha filha sorria-se para mim, era ela gentilzinha, e em sua inocência semelhava um anjo. Desgraçada de mim! Deixei-a nos braços de minha mãe, e fuime à roça colher milho. Ah! Nunca mais devia eu vê-la [...] (Reis, 2018, p. 121).

31

Essa passagem é muito forte, de fato ao personificar o sentimento africano, em Suzana, Maria Firmina faz brotar em seus leitores uma nova voz; à Susana não apenas é dada a humanidade, mas, sobretudo, denunciada a tirania por parte dos colonizadores ao povo negro, que





é raptado de suas terras para servir aos senhores das terras brasileiras. É pela voz de Susana, também, que a autora adverte que os negros escravizados são humanos, dotados de dignidade e, conseqüentemente, delata o quão brutal e desumana é a transformação desse negro livre em cativo. Urge ainda trazer à baila os entremeios que transformavam os negros em animais irracionais: a captura na sua terra natal, a tormenta da viagem, a degradação humana de que precisariam ser domados.

32

A voz da personagem Susana representa um elo vivo entre a memória da ancestralidade negra africana e a atual condição de escravidão e subordinação. A voz da verdade histórica através de uma mulher, promove uma reflexão sobre a escravidão e as relações de poder presentes na sociedade da época, colocando em xeque uma concepção histórica, até então, etnocêntrica e patriarcal.

Maria Firmina, torna-se responsável por pontuar ações que preparam quem a lê para o fecho de narrativa, cuja crítica literária, acende predicados aos personagens, sua consciência, lareando o posicionamento ideológico e políti-





co da autora. O que se vê em Úrsula vai além do seu enredo. A trama dá voz aos oprimidos, desconstrói simbolicamente o poder das grandes forças de dominação social da época, ‘inda que sob a ótica de uma mulher identificada dentro desses grupos vítimas da opressão.

A DISCRIMINAÇÃO DE MULHERES ‘NEGRAS’

33

A discriminação racial na vida das mulheres negras é constante, apesar disso, muitas constituíram estratégias próprias para superar as dificuldades decorrentes dessa problemática. A Constituição cidadã traz à tona a ideia da política social como instrumento de inclusão: políticas universalistas e de extensão de direitos sociais às camadas mais pobres da população. A garantia de direitos também passa pela identificação, por parte da população, a cerca de manifestações pacíficas, entre elas: o dia 21 de março, Dia Internacional pela Eliminação da Discriminação Racial, data importante para a





população negra da África e sua Diáspora em qualquer parte do mundo. O Dia Internacional pela Eliminação da Discriminação Racial foi criado pela Organização das Nações Unidas (ONU), em 1966, em memória ao “Massacre de Shaperville”. Como mostra a imagem abaixo:

34



*“Massacre de Shaperville (África do Sul)” **

Neste dia, no ano de 1960, na África do Sul, 20 mil negros protestavam contra a “lei do passe”, em Joanesburgo. Esta lei obrigava a popula-

* **Fonte:** <https://noticias.uol.com.br/colunas/comissao-arns/2021/03/23/shaperville-uma-licao-para-nao-ser-esquecida.htm?cmpid=copiaecola>





ção a andar com identificação e limitava os espaços de circulação na cidade. A manifestação era pacífica, mas tropas militares do Apartheid atiraram contra a multidão e mataram 69 pessoas e 186 ficaram feridas.

Políticas sociais de inclusão tinha como pilares programas e ações que, longe dos mecanismos de transferência de renda para os eternamente carentes ou pobres, visavam proporcionar – sob a égide da ideia de seguridade social – o resgate da chamada dívida social.

A diversidade étnica e cultural que compõe a sociedade envolve suas relações, marcadas por desigualdades socioeconômicas. É notório que o racismo está presente na sociedade de forma camuflada e disfarçada, podendo ser observado pelos meios de comunicação, exclusivamente televisivo, de modo, a criar uma crença de que habitamos num paraíso racial, onde a miscigenação “forçada” motivou o mito da democracia racial, compreendida como uma corrente ideológica que pretende negar a desigualdade racial entre brancos e negros no país.

Por outro lado, as mulheres negras sempre ocuparam lugares de subalternidade, em que prevalecem a desqualificação e o desprivilegio



ao longo da história nas Américas, em particular, no Brasil. Seu passado escravizado de violência mostra sua força, resistência e poder. Perde-se muito quando não se ouve as mulheres negras, pois suas histórias próprias e particulares são essenciais para se repensar a vida em sociedade. Urge a participação das mulheres negras de modo significativo em todas as esferas, sejam elas políticas, econômicas, no mercado de trabalho, de educação, entre outros.

36

Entretanto, a representatividade das mulheres negras em todos os espaços de nossa sociedade ainda não reflete a realidade da população negra no Brasil, que, segundo dados do IBGE, representa 56% de nossa população.

Felizmente, o tabuleiro social vem se movimentando e as peças já não traduzem a execrada realidade de séculos passados. Mulheres e homens que sofre face aos preconceitos, já não aceita fazê-lo em silêncio. Aqueles e aquelas que, de alguma forma, vencem e continuam a vencer as barreiras pensadas intransponíveis, agora soltam seu grito de vitória. As vozes, que tradicionalmente foram destituídas, assumem o microfone e o centro do palco.

Mulheres negras não cabem mais em estereó-





tipos; gritam por ser reconhecidas como únicas. Elas se compreendem sujeitos de relevância, capazes, donas de sua história, plenas de seus direitos, cientes de sua força.

O que se lê e vê em Úrsula, é a manifestação consistente, da injusta situação do negro no Brasil. O texto de Maria Firmina dos Reis, traz um estilo que não nega a escrita de seu tempo. Nele existe excesso de adjetivos e de expressões dramáticas. No entanto, sua abordagem sobre as personagens negras é significativa. Dá a elas voz para refletir e capacidade de ação, ainda que dentro dos estreitos limites possíveis de sua condição social. As palavras de Túlio resumem a força desse posicionamento: “Oh! A mente! Isso sim ninguém a pode escravizar!” (p. 66).

37

CONSIDERAÇÕES

“O ponto de partida de qualquer exploração na vida das mulheres negras na escravidão seria uma avaliação de seu papel enquanto trabalhadora” Ângela Davis (2016) – Mulheres, raça e classe.

Assim, e para nossa mais e mais rica identidade, Maria Firmina, filha de pai negro,





foi professora, criadora da primeira escola mista do Brasil e uma das primeiras romancistas do país – posto que divide, conforme apontam pesquisas recentes, com Nísia Floresta. Sua vida e obra têm sido alvo de um interesse cada vez mais crescente, dado o pioneirismo de sua produção literária e de seu posicionamento incisivo, tanto na ficção quanto em artigos de jornal, sobre a abolição da escravatura.

38

Sua postura de resistência adotada é fator preponderante para a invisibilização de seu nome no meio literário da época. Esse meio era composto principalmente por homens brancos com ampla formação letrada, e para o seu apagamento do cânone literário, entretanto e sobretudo, analisar *Úrsula* e sua construção, orquestrando, os elementos mais típicos do gênero e os pontos do olhar próprio de Maria Firmina sobre a realidade mostram, clara e originalmente, elaborações inéditas para a obra.

O que se observa nessa linda e impressionante obra, é o enfrentamento do racismo, bem como o impactar da pluralidade de ideias - o conhecimento, que está em todos os lugares e em todas as pessoas - e o revogar de um sistema perverso de hierarquização, o qual requer luta para dar





visibilidade à opressão de gênero e à exploração do racismo, em todas as suas formas, a opressão de pessoas negras, principalmente as mulheres.

Pela força e resistência, que possamos ecoar pela eternidade, em nome de uma nova consciência que surge: a consciência negra no que se refere ao pertencimento, à autodeclaração e à livre manifestação para a apropriação de espaços jamais vistos outrora. E que a voz não silenciada ressoe nos autos da nossa ancestralidade, que um dia lutou para que continuemos nessa trajetória, mais fortalecida aos que virão.

Pela força e resistência, que possamos ecoar pela eternidade, em nome de uma nova consciência que surge: a consciência negra no que se refere ao pertencimento, à autodeclaração e à livre manifestação para a apropriação de espaços jamais vistos outrora. E que a voz não silenciada ressoe nos autos da nossa ancestralidade, que um dia lutou para que continuemos nessa trajetória, mais fortalecida aos que virão.

Por uma vida mais democrática, mais representativa e que se privilegie todas as cores, todas as vozes e todos os corpos.



Capítulo III

UMA VIAGEM NAS OBRAS FIRMINIANAS

*“Eu não te ordeno, te peço,
Não é querer, é desejo;
São estes meus votos - sim.
Nem outra cousa eu almejo.
E que mais posso eu querer?*

Ver-te Camões,

Dante ou Milton,

Ver-te poeta - e morrer.”

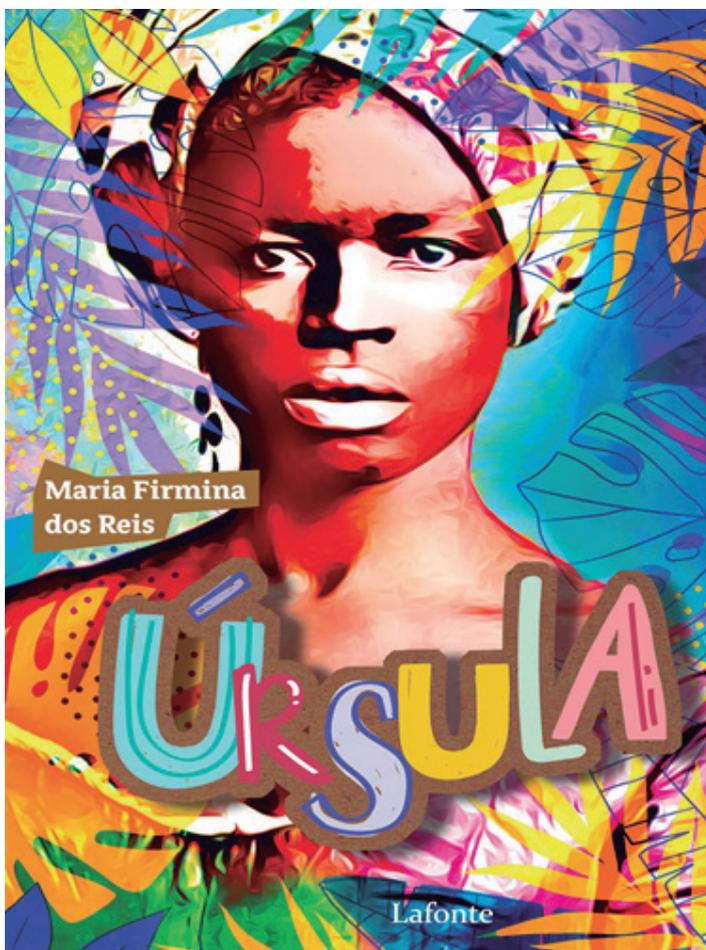
Maria Firmina dos Reis

40

Úrsula", é uma obra pioneira na literatura brasileira, escrita por Maria Firmina dos Reis, considerada uma mulher à frente de seu tempo, esta obra foi publicada em 1859, e se destaca como o primeiro romance abolicionista escrito por uma autora brasileira, abordando questões profundas sobre escravidão, liberdade e justiça social, nessa obra somos transportados para um mundo onde as emoções são tão intensas quanto os dilemas sociais.

A trama gira em torno de Úrsula, a protagonista, onde a mesma não é apenas um símbolo





41

Fonte: Santos (2016)

“Os grilhões do escravo são sempre fortes, mas não são eternos. Tudo cede à força do tempo e da persistência.”

*Maria Firmina dos Reis,
“Úrsula”*



de resistência contra a opressão, mas também uma alma vibrante repleta de sonhos e esperanças, uma jovem escravizada que vive em uma fazenda no Maranhão durante o século XIX, que retrata de forma vívida, sua jornada de uma sonhadora em busca de sua liberdade e dignidade, em meio a um contexto de opressão e discriminação racial.

42

Ao longo da narrativa, Úrsula enfrenta inúmeras adversidades, incluindo abusos físicos e emocionais por parte de seus senhores, no entanto, ela mantém sua força interior e determinação, buscando resistir às injustiças e encontrar um caminho para a libertação, onde ela não é apenas uma vítima da injustiça, mas uma personagem complexa, com anseios e desejos próprios. Maria Firmina dos Reis nos apresenta com uma visão profundamente humanizada da história, onde cada personagem, mesmo os mais vilões, são retratados com compaixão e empatia, na obra, encontramos não apenas uma heroína, mas uma alma gentil que nos lembra da nossa própria humanidade compartilhada.

Através dos olhos de Úrsula, testemunhamos não apenas a crueldade do sistema escravagista, mas também a beleza e a resiliência do espíri-





to humano, ela enfrenta desafios inimagináveis, mas nunca perde sua compaixão ou sua capacidade de sonhar com um futuro melhor. Ao longo da narrativa, vemos a protagonista lutando pela própria liberdade, e pela dignidade e justiça de todos aqueles que sofrem sob o jugo da escravidão, seu compromisso com a causa abolicionista é inspirador, mas é sua humanidade que verdadeiramente nos toca.

Na representação das figuras femininas em "Úrsula", é possível identificar uma crítica contundente à sociedade da época, especialmente no que diz respeito ao papel e tratamento das mulheres.

A jovem Úrsula é caracterizada como uma heroína romântica em sua aparência física e psicológica: pálida, com tranças negras, ombros de marfim e uma aura de delicadeza e pureza. O narrador, ao descrever como ela cuida de Tancredo, oferece insights adicionais sobre sua natureza cuidadosa e gentil:

É que aquele anjo de sublime doçura repartia com seu hóspede os diuturnos cuidados, que dava à sua mãe enferma [...] Era ela tão caridosa... tão bela.. e tanta compaixão lhe inspirava o sofrimento alheio, que lágri-



mas de tristeza e de sincero pesar se lhe escaparam dos olhos, negros, formosos, e melancólicos (p. 32).

44

Essa passagem retrata Úrsula como um ser angelical, dotado de uma doçura e compaixão que transcende as barreiras terrenas, ao cuidar de Tancredo e compartilhar os cuidados com sua mãe enferma, ela demonstra uma generosidade e bondade genuínas, que tocam profundamente não apenas o narrador, mas também os leitores, essa descrição de Úrsula como "caridosa", "bela" e capaz de inspirar compaixão remete a sua capacidade de conectar-se emocionalmente com o sofrimento alheio, suas lágrimas são um reflexo de sua empatia e da sua sensibilidade diante das injustiças e dores do mundo ao seu redor.

Além da história de Úrsula, o romance também oferece um retrato multifacetado da sociedade brasileira da época, explorando as relações complexas entre senhores e escravos, bem como as tensões raciais e sociais que permeavam a vida cotidiana.

A escritora possui uma jornada de obras marcada por sua sensibilidade e humanidade, dando voz não apenas a Úrsula, mas também





a outros personagens marginalizados, revelando suas lutas e aspirações, com estilo literário caracterizado por uma prosa envolvente e uma profunda reflexão sobre as questões morais e éticas de sua época.

"Úrsula" se destaca como uma obra de grande relevância histórica e social, com um testemunho poderoso da capacidade da literatura de provocar mudanças e inspirar a busca pela justiça e igualdade, a autora, com sua escrita corajosa e visionária, deixou um legado duradouro que continua a ressoar nos corações e mentes dos leitores até os dias de hoje.

45



O JARDIM DAS MARANHENSES.

PERIODICO SEMANARIO.

LITTERARIO, MORAL, CRITICO E RECREATIVO

—Publica-se nesta typographia ou na rua da Viração n. 6 & 18000 rs. por bimestre—ou 8 numeros—
A redacção aceita e publica todo e qualquer artigo, com tanto que seja concebido em termos decentes.

LITTERATURA.

A Rainha do baile.

Que mimo ! que roza !
Que filha de Deus ! ..
A. Azevedo.

I.

Eu amo o baile porque no ruído tumultuoso de suas salles, divizo a imagem desta vasta comedia mudana, onde—risos e lagrimas—esperança e desespero—sedução e orgulho—reino confundidos nesse immenso turbilhão, sob a capa do prazer.

II.

Conhecetas mancebos e virgem do baile ? Vistes e sorriso entr'aberto de seus labios ? A roza em bôca não tem d'um encanto mais bello, deliciosamente mais fraco !

—Intimo fulgor derramava dos fascinadores olhos, que ora languida em profundo scismar, ora lançando scintillas de amor e viveza brinhavo como no horizonte brilha a estrella do pastor: ao arrebol do dia.

—Ducil, meiga e affavel, ignota a vaidade e presumpção, meigo sorriso lhe realizava mansamente sobre a roza varanilha das faces, dando se despendido surtidas notas da mais arrebatadora e angelica candidez.

—Revelava um composto de candura e perfeição. Cingia-lhe a fronte a mitta auréola da virgindade:

Gupeva.

ROMANCE BASILIENSE.

I.

Era uma bella tarde de agosto; e o Sol, que declinava ja no occidente, mandava seus doces, e melancolicos raios, e pacificas aguas da Bahia de Todos os Santos, e esses raios amortecidos d'um sol, que meigamente se despedia a nossa vista, brincavam nas entranças d'um navio, abri ancorado; e beijavam o cume das palmaras, e os areos da praia. Eu amo a belleza da tarde, como a um suspiro, que coração d'uma donzella, fuge vagaroso, tímido, e melancólico.

Era pois uma bella tarde, deuses que inspiram poesia, deuses que obrigam o homem, a um delicioso scismar, porque perere-lhe por toda a parte resonar os seus longinquo d'uma harpa. Estes mima-

te arguida com magico imperio, deixava notar-se as bellezas d'um eburneo collo que parecia inda relatar as primeiras fontes de amor e tentação.

—Engolhada no prazer da dança, seu divino corpo mais ligeiro e leve do que uma sylphide, parecia no redor de walsa o vaporoso e divinal reflexo, d'um habitante de uma etherica massa, voando aos pés do Creador.

—Sua voz argentea mais doce e harmoniosa que o cantico dos Anjos, abrandaria por mais espedesadas que fossem as fibras da coração do sceptico, e torna-lo-hia para logo captivo de tão infidos atractivos.

—Oh, quizera ao menos ter uma lyra, onde em floureadas cordas decantasse a imagem de uma ephemera e graciosa visão. . . .

—Mas, as cordas não resistem as intimas emoções da alma, quando o vale não encontra na terra imagens para uma comparação ?

—Quizera ao menos que essa noite, de baile durasse por seculos, mais tarde findando, porque contemplando a—rainha delle—infundido-se em minha alma o mais voverando culto e verdadeirs adoração, que para sempre será a bussola de rumbo tão sabelada ventura !

Setembro 28—1861.

J. R.

CHRONICA SE-MANARIA.

—Bravos, bravos, ahi temos o—JARDIM—sempre bello e infallivel ! (Dirão as amaveis

coas soon, que recatamos no cabir da tarde, devem ser a vez dos enjos, que derramada das alturas, vem quasi surtida; mas melancolico, e doce eleger nossas ovidos, e serenar nosso dorido e accozado, soffrer.

O navio, que vemos ancorado n'essa bella Bahia, a hora solemno do crepusculo, era o Infante de Portugal, vaso da guerra que ahi havia traído Francisco Pereira Coutinho, donatario d'aquelle Capitania, depois que a celebre Paraguará, Principe do Brasil, cedera seus direitos em favor da coroa de Portugal. O Infante, acabava de receber as ultimas ordens de Coutinho, e relevava no dia seguinte em demanda do Tejo.

Recomado ao castello da pros, com os olhos fixos em terra, como que devorava por um frenetico desejo, dechava-se a forma sabella, e juvenil de um bello mancebo, cujo uniforme de marinha, fazia sobresahir, com os finos traços de suas feições arredondadas, a brancura d'uma pelle levemente creusada pela ardência do sol. E o mancebo, com os olhos fixos em terra, parecia meditar profundamente, pois que em seus grandes olhos negros transparecia todo o desajogão d'um coração, que dezia, e que não

Imagem do conto Gupeva no O Jardim das Maranhenses, 13 de outubro de 1861. Fonte: Reis (2019).



O romance "Gupeva", nos conduz às vastas e misteriosas paisagens da Amazônia brasileira, onde a exuberância da natureza se entrelaça com as ricas culturas dos povos indígenas e a influência da colonização europeia. Publicado em 1861, o livro apresenta uma narrativa envolvente que retrata os conflitos entre colonizadores e povos nativos, bem como as lutas pela sobrevivência e identidade em meio às mudanças impostas pelo contato com os europeus.

Durante sua jornada, o protagonista encontra-se em uma expedição colonial liderada por um explorador europeu, fascinado pela tecnologia e pelos costumes estrangeiros, Gupeva se vê envolvido em uma série de eventos que desafiam suas convicções.

Ao longo do romance, o indígena se apaixona por Amanayara, uma jovem indígena de uma tribo rival, seu amor proibido é posto à prova pelos conflitos étnicos que assolam a região, enquanto Gupeva luta para conciliar seu desejo de liberdade com suas responsabilidades para com sua comunidade."

À medida que a história se desenrola, somos conduzidos por uma jornada emocionante repleta de aventuras, amores proibidos e confli-



tos étnicos. Maria Firmina dos Reis habilmente tece uma narrativa que não apenas nos cativa com sua trama envolvente, mas também nos convida a refletir sobre questões mais amplas, como a exploração colonial, o choque de culturas e a busca pela identidade em um mundo em transformação, a autora apresenta uma visão sensível e humanizada dos povos indígenas, destacando sua riqueza cultural e sua resistência frente à colonização.

48

No clímax da história, Gupeva se vê no centro de uma batalha épica entre os povos indígenas e os colonizadores europeus e diante da situação sua coragem e determinação são postas à prova enquanto ele luta para proteger sua terra e sua gente da ganância e da violência dos invasores estrangeiros."

Além disso, "Gupeva" é uma obra que desafia estereótipos e preconceitos ao apresentar personagens complexos e multifacetados, cujas motivações e conflitos são apresentados de maneira autêntica e realista, sendo assim um romance que nos convida a olhar além das superfícies e a reconhecer a humanidade em todas as suas formas.

Embora seja uma obra do século XIX, a ve-





rossimilhança com os constantes fatos atuais é difícil passar despercebida, bem como conflitos étnicos e culturais: Assim como na história de "Gupeva", os conflitos entre diferentes grupos étnicos e culturais ainda são uma realidade em muitas partes do mundo contemporâneo, questões relacionadas à diversidade cultural, identidade e preservação cultural continuam a ser relevantes e importantes, preservação ambiental e sustentabilidade: A Amazônia, cenário principal da obra, ainda é um ponto focal de debates sobre preservação ambiental e sustentabilidade, onde questões relacionadas ao desmatamento, à exploração dos recursos naturais e à proteção dos povos indígenas continuam a ser temas de grande relevância nos dias de hoje e resistência e luta por direitos: A história de Gupeva e sua luta contra os colonizadores europeus reflete temas mais amplos relacionados à resistência e à luta por direitos que nos dias atuais, muitos grupos ao redor do mundo continuam a lutar por justiça social, igualdade de direitos e reconhecimento de suas identidades culturais.

Em suma, "Gupeva" é mais do que um simples romance indianista; é uma obra-prima da literatura brasileira que nos convida a mergu-



lhar nas profundezas da Amazônia e a explorar as complexidades da condição humana, além de ser um testemunho do talento e da visão única de Maria Firmina dos Reis, que deixou um legado duradouro na literatura brasileira.

CANTOS À BEIRA MAR

50

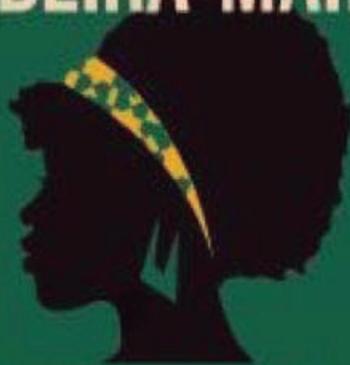
Publicado em 1871, "Cantos à Beira-Mar" representa uma conquista notável na história da literatura brasileira, especialmente por ter sido escrito por uma mulher negra e nordestina em pleno século XIX, período em que a escravidão era uma instituição predominante.

Considerando este contexto histórico, é essencial abordar como ele influenciou o processo de escrita e divulgação da autora, Maria Firmina dos Reis enfrentou desafios significativos para ter sua voz ouvida em uma época marcada pela opressão e marginalização das mulheres e das pessoas negras, sua obra, tanto em temas quanto em estilo, não recebeu a mesma notoriedade que a de outros escritores da época, em parte devido à sua abordagem franca e corajosa da condição feminina e da questão racial.



Cantos à Beira Mar

CANTOS À
BEIRA-MAR



MARIA FIRMINA DOS REIS

Fonte: Reis (2019)

1871



O livro de poesia de Maria Firmina dos Reis não apenas a consagrou como a primeira poeta maranhense, mas também como uma das primeiras mulheres a publicar poesia no Brasil, sua obra se destaca pela originalidade, tanto em termos de autoria quanto de temática, ao colocar em destaque a voz e a experiência do povo negro, rompendo com o silenciamento imposto pela sociedade da época.

52

"Cantos à Beira-Mar", obra da renomada autora brasileira Maria Firmina dos Reis, nos transporta para as margens do mar, onde as ondas sussurram segredos e as brisas carregam histórias de tempos passados, nesse cenário mágico, somos convidados a mergulhar na riqueza da cultura afro-brasileira e a explorar as profundezas da alma humana, onde é através dos versos poéticos e das melodias envolventes, que a autora nos conduz por uma jornada de descoberta e encantamento, cada poema é uma porta para um mundo de emoções e reflexões, onde a beleza da natureza se mescla com as inquietações da existência humana.

*Oferecida ao Ilmo. Sr. Raimundo Marcos Cordeiro.
Prova de sincera amizade.*





*A vida é sonho, — que afanoso sonho!
Há nela gozos de mentido amor;
Porém aquilo que nossa alma almeja
É sonho amargo de aflitiva dor!
Fantasma mudo, que impassível foge,
Se mão ousada a estreitá-lo vai;
Sombra ilusória, fugitiva nuvem,
Folha mirrada, que do tronco cai...
Que vale ao triste sonhador poeta
A noite inteira se volver no leito,
Sonhando anelos — segredando um nome,
Que oculta a todos no abrasado peito?!...*

Neste poema, intitulado "Prova de Sincera Amizade", o autor expressa uma visão melancólica e reflexiva sobre a vida e os sonhos, descrevendo a vida como um sonho ansioso e cheio de ilusões, onde os prazeres do amor são muitas vezes falsos e passageiros. A metáfora do sonho é utilizada para transmitir a ideia de que aquilo que buscamos com tanto anseio muitas vezes se revela apenas uma ilusão efêmera, onde a autora sugere que nossas aspirações mais profundas são frequentemente frustradas, como fantasmas que escapam de nossas mãos quando tentamos alcançá-las.

A imagem da sonhadora poeta que passa a noite inteira voltando-se em seu leito, sonhan-





do e segredando um nome oculto em seu peito, evoca uma sensação de solidão e desespero, onde mesmo quando alguém se entrega aos sonhos mais íntimos, podemos sentir-se isolado e incompreendido. "Prova de Sincera Amizade" é um poema onde é possível refletir sobre a natureza efêmera de nossas aspirações e desejos, bem como sobre a inevitabilidade da dor e da desilusão na vida, é uma obra para lembrar da importância de encontrar significado e consolo mesmo diante das adversidades e das incertezas do mundo.

54

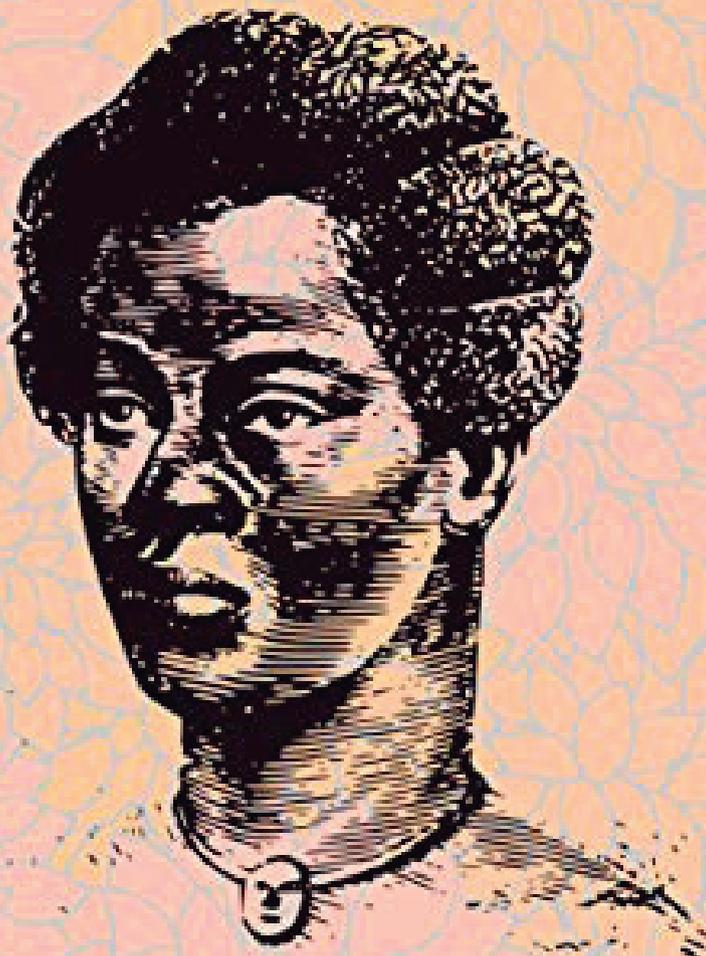
Os "Cantos à Beira-Mar" são mais do que simples poemas; são testemunhos da riqueza e da diversidade da cultura afro-brasileira, uma celebração da herança deixada pelos nossos ancestrais, que nos convidam a refletir sobre temas como identidade, pertencimento e resiliência, enquanto nos lembram da importância de preservar e valorizar nossas raízes culturais.

Ao explorar essa obra somos convidados a nos reconectar com nossas origens, a celebrar nossa diversidade e a honrar aqueles que vieram antes de nós, numa experiência que enriquece e inspira o leitor, lembrando-o da força e da beleza que residem dentro de cada um.



A Escrava

A Escrava



Maria Firmina dos Reis

Fonte: Souza (2022)



*“Por mais que lutemos contra,
o peso da escravidão é como
uma corrente que nos arrasta
para o abismo da injustiça e
da desumanidade.”*

Maria Firmina dos Reis

56

Assim como em sua obra “Úrsula”, neste conto de Maria Firmina dos Reis também se destaca a solidariedade para com os oprimidos, uma abordagem inovadora em comparação com outros romances abolicionistas do século XIX. Isso se deve a uma perspectiva distinta, na qual a autora, identificada com os cativos e seus descendentes, expressa, por meio da ficção, sua conexão com esse universo cultural.

Publicado em 1887, o conto “Escrava”, é uma narrativa envolvente que mergulha nas profundezas da condição humana, explorando os horrores da escravidão através dos olhos de uma jovem cativa, o conto é uma obra de abordagem crítica e humanizada da escravidão.

O conto “A Escrava” é narrado por uma senhora cujo nome não é revelado, porém, é conhecida por ser membro ativo da sociedade abolicionista local e também da sociedade abolicionista do Rio de Janeiro. Durante a narrativa, essa senhora compartilha a história da esca-





va Joana em um ambiente de grande distinção social, onde se encontram reunidas diversas personalidades bem colocadas na sociedade, é neste contexto que ela se posiciona veementemente contra a escravidão quando o assunto é debatido:

Por qualquer modo que encaremos a escravidão, ela é, e sempre será[,] um grande mal. Dela a decadência do comércio; porque o comércio, e a lavoura caminham de mãos dadas, e o escravo não pode fazer florescer a lavoura; porque seu trabalho é forçado. Ele não tem futuro; o seu trabalho não é indenizado; ainda dela nos vem o opróbrio, a vergonha; porque de frente altiva e desassombrada não podemos encarar as nações livres; por isso que o estigma da escravidão, pelo cruzamento das raças, estampa-se na fronte de todos nós. Embalde procurará um dentre nós, convencer ao estrangeiro que em suas veias não gira só uma gota de escravo... (Reis, 2004, p. 242).

57

Neste trecho, o narrador expressa uma visão crítica e abrangente sobre a escravidão, argumentando que, independentemente da perspectiva adotada, ela é inerentemente prejudi-





cial e aponta que a escravidão contribui para a decadência do comércio e da agricultura, já que o trabalho forçado dos escravos não pode promover o florescimento desses setores, além disso, destaca que os escravos não têm perspectivas de futuro, uma vez que seu trabalho não é compensado de forma justa.

58

Ainda, o narrador ressalta o aspecto moral e social da escravidão, argumentando que ela traz vergonha, uma vez que impede que uma nação livre encare outras nações com altivez e dignidade. Nesse trecho também é mencionada a questão do cruzamento de raças como uma consequência da escravidão, destacando que o estigma da escravidão permanece visível em todos, independente da tentativa de negá-lo. Essa reflexão oferece uma análise profunda das ideias multifacetadas do impacto da escravidão na sociedade, abordando suas implicações econômicas e suas ramificações morais, sociais e até mesmo físicas.

A história se desenrola em torno de uma escrava que, apesar de seu sofrimento e privações, mantém viva a chama da esperança e da dignidade, é uma narrativa que revela as injustiças e crueldades do sistema escravocrata, destacando





as vidas dilaceradas e os sonhos sufocados sob o peso da opressão. Por meio de uma prosa sensível e envolvente, Maria Firmina dos Reis nos transporta para os campos de trabalho forçado e os casarões dos senhores, onde a dor e o desespero se misturam com a resistência silenciosa e a luta pela liberdade.

Na obra a protagonista, apesar de todas as adversidades, mantém sua humanidade intacta, tornando-se um símbolo de resiliência e dignidade em meio ao caos da escravidão. "Escrava" denuncia as atrocidades da escravidão conduzindo seus leitores a refletir sobre as questões morais e éticas que permeiam essa instituição desumana, essa obra nos confronta com as profundezas da crueldade humana e nos inspira com a força indomável do espírito humano em busca da liberdade e da justiça.

Através das páginas desse conto, somos confrontados com a dor, o sofrimento e a desesperança que permeiam a vida dos escravizados, enquanto nos deparamos com a força resiliente de seus espíritos, em cada linha o leitor é convidado a refletir sobre a natureza perversa da escravidão e desafiado a questionar suas convicções e privilégios.



No entanto, apesar do horror e da injustiça que são retratados, "Escrava" também é um conto inspirador com a resiliência e a coragem dos oprimidos em sua busca por liberdade e justiça, lembrando da capacidade indomável do espírito humano de resistir e lutar contra a opressão, mesmo diante das circunstâncias mais adversas. Assim, ao ser confrontado com as profundezas da crueldade humana, ao ler "Escrava" é possível se deparar com uma mensagem de esperança e empoderamento, sendo assim um convite para unir-se na luta pela justiça e pela liberdade, em busca de um mundo onde todos sejam verdadeiramente livres e iguais.

60

Além das principais obras citadas, a autora também deixou outros registros em meio a literatura brasileira, como em "Parnaso Maranhense" que é, na verdade, uma única coletânea de poemas, publicada em 1861, onde Maria Firmina dos Reis contribuiu com seus poemas, juntamente com outros autores maranhenses da época, essa obra coletiva foi uma importante forma de reunir e divulgar a produção poética de diversos escritores da região do Maranhão. Ela oferece uma visão diversificada e rica da poesia maranhense do século XIX, apresentando





diferentes estilos, temas e abordagens artísticas e Maria Firmina dos Reis contribuiu para essa coletânea com sua sensibilidade poética, enriquecendo o panorama literário da época. Além de uma vasta riqueza de poemas e composições musicais como Auto de bumba-meu-boi (letra e música); Valsa (letra de Gonçalves Dias e música de Maria Firmina dos Reis); Hino à Mocidade (letra e música); Hino à liberdade dos escravos (letra e música); Rosinha, valsa (letra e música); Pastor estrela do oriente (letra e música); Canto de recordação (“à Praia de Cumã”; letra e música).

61

Com uma escrita magistral e uma mensagem poderosa, Maria Firmina dos Reis nos presenteia com obras que ecoam através do tempo, lembrando-nos da necessidade de reconhecer e enfrentar as injustiças do passado que insistem em transitar além dos séculos. A luta por reconhecimento, valorização e igualdade acompanham a autora, cuja vida e obra refletem uma jornada marcada pela coragem, determinação e compromisso com a justiça social.

Hoje, o legado dessa importante autora, vive através de suas obras atemporais, que continuam a inspirar gerações com sua mensagem de





justiça, igualdade e resistência e sua história nos lembra da importância de reconhecer e valorizar as contribuições das mulheres negras para a cultura e a sociedade brasileira.





Capítulo IV

TEORIAS FIRMINIANAS

*“Eu não te ordeno, te peço,
Não é querer, é desejo;
São estes meus votos - sim.
Nem outra cousa eu almejo.
E que mais posso eu querer?
Ver-te Camões,
Dante ou Milton,
Ver-te poeta - e morrer.”*
Maria Firmina dos Reis

63

Uma das principais teorias de Maria Firmina dos Reis é a crítica ao sistema escravagista. Em seus escritos, ela denunciou veementemente a injustiça e a desumanidade da escravidão, expondo as atrocidades cometidas contra os africanos e seus descendentes no Brasil. Firmina dos Reis abordou o tema da escravidão não apenas como uma instituição econômica, mas também como um sistema que corrompeu moralmente a sociedade brasileira, privando os escravizados de seus direitos humanos básicos e





perpetuando a violência e a opressão.

Além disso, Maria Firmina dos Reis também desenvolveu teorias sobre a condição da mulher negra na sociedade brasileira do século XIX. Em suas obras, ela desafiou as representações estereotipadas e marginalizadas das mulheres negras, apresentando personagens femininas complexas, resilientes e dotadas de agência própria. Firmina dos Reis defendia a emancipação das mulheres negras, rejeitando a visão de que elas eram destinadas apenas ao trabalho doméstico e à submissão.

64

Outro aspecto importante das teorias de Maria Firmina dos Reis é sua crítica ao patriarcado e às normas de gênero impostas pela sociedade. Ela questionava a hierarquia de poder que relegava as mulheres a papéis subalternos e defendia a igualdade de gênero como um princípio fundamental para a construção de uma sociedade mais justa e inclusiva. Firmina dos Reis explorou em suas obras as interseções entre raça, gênero e classe social, destacando as múltiplas formas de opressão enfrentadas pelas mulheres negras e promovendo uma visão mais ampla e inclusiva do feminismo.

As teorias Firminianas também abrangem





uma análise crítica das estruturas sociais e culturais que perpetuam a marginalização e a exclusão dos afrodescendentes no Brasil. Firmina dos Reis explorou a construção da identidade negra em um contexto de sociedade predominantemente branca e eurocêntrica, questionando as narrativas dominantes que desvalorizavam a cultura e a contribuição dos africanos e seus descendentes para a formação da nação brasileira.

Em suas obras, destacou a importância da valorização da história e da cultura afro-brasileira como parte integrante da identidade nacional. Ela resgatou e celebrou as tradições, os costumes e as expressões culturais dos povos africanos, defendendo a necessidade de reconhecimento e respeito pela diversidade étnico-cultural do Brasil. Sua escrita contribuiu para a construção de uma consciência coletiva sobre a importância da preservação e promoção da herança africana na sociedade brasileira.

Outro aspecto relevante das teorias de Maria Firmina dos Reis é sua visão humanista e empática, que transcendeu as barreiras raciais e sociais de sua época. Em suas obras, ela explorou temas universais, como amor, solidarie-



dade, justiça e redenção, revelando a humanidade compartilhada que une todas as pessoas, independentemente de sua origem étnica ou condição social. Firmina dos Reis acreditava na capacidade do ser humano de transcender as divisões e preconceitos, buscando a construção de um mundo mais harmonioso e inclusivo para todos.

66

As teorias de Maria Firmina dos Reis representam uma síntese profunda e multifacetada das questões sociais, raciais, de gênero e culturais de sua época. Sua análise crítica e sua visão progressista continuam a ressoar nos dias de hoje, inspirando reflexões e debates sobre a luta por igualdade, justiça e dignidade para todos os membros da sociedade. A sua contribuição intelectual e ativista de Firmina permanece como uma fonte de inspiração e orientação para aqueles que lutam por um mundo mais justo e inclusivo.

Em Firminianas é enfático afirmar que também são profundamente enraizadas em sua própria experiência pessoal como uma mulher negra e intelectual em uma sociedade que frequentemente marginalizava e subestimava as vozes como a dela. Firmina dos Reis enfrentou





inúmeras adversidades ao longo de sua vida, incluindo a falta de reconhecimento de seu trabalho literário em seu próprio tempo.

No entanto, sua persistência e coragem em desafiar as normas estabelecidas e em dar voz aos marginalizados são testemunhos de sua determinação e de sua crença na capacidade da literatura e da educação para promover a mudança social. Firmina dos Reis defendia a importância da educação como uma ferramenta de empoderamento para os oprimidos, acreditando que o acesso ao conhecimento poderia libertar as pessoas das correntes da ignorância e da opressão.

Assim, as teorias de Maria Firmina dos Reis não apenas analisam as injustiças e desigualdades existentes na sociedade brasileira do século XIX, mas também propõem soluções e caminhos para a transformação social. Sua obra representa uma chamada à ação, convidando os leitores a se engajarem na luta por um mundo mais justo, igualitário e inclusivo.

Firmina e suas teorias ecoam além de suas próprias obras literárias, influenciando e inspirando gerações posteriores de escritores, intelectuais e ativistas. Seu papel pioneiro na



literatura afro-brasileira e no movimento abolicionista deixou um legado duradouro que continua a moldar o pensamento e a ação de muitos até os dias de hoje.

A abordagem interseccional de Firmina dos Reis, que entrelaça raça, gênero e classe em sua análise das estruturas de poder, também se revela relevante em contextos contemporâneos. Suas reflexões sobre a interconexão das opressões e a necessidade de uma luta coletiva por justiça e igualdade ressoam em movimentos sociais e acadêmicos que buscam abordagens inclusivas e holísticas para enfrentar as desigualdades.

68

As teorias Firminianas remetem a importância de dar visibilidade e valor às vozes e experiências das mulheres negras, que historicamente foram marginalizadas e silenciadas. Seu trabalho continua a inspirar a valorização e o reconhecimento do conhecimento produzido por mulheres negras e a promover uma narrativa mais completa e inclusiva da história e da cultura brasileiras.

Através da sua escrita, Firmina dos Reis nos lembra da importância de reconhecer e enfrentar as desigualdades estruturais que permeiam





nossa sociedade, bem como a necessidade de promover a solidariedade e a empatia em nossas relações interpessoais. Suas teorias nos desafiam a examinar criticamente as normas e os valores que moldam nossas vidas e a trabalhar ativamente para criar espaços mais equitativos e acolhedores para todos.

Ao mesmo tempo, o exemplo de Firmina dos Reis inspira a persistir na luta por justiça social, mesmo diante de obstáculos aparentemente insuperáveis. Sua determinação em desafiar as convenções sociais e em ampliar os horizontes da literatura brasileira nos encoraja a continuar avançando, mesmo quando as probabilidades estão contra nós.

Assim, o histórico de Maria Firmina dos Reis, não apenas reconhece - se suas contribuições inestimáveis para a literatura e para o ativismo social, mas também nos comprometemos a seguir seu exemplo, trabalhando incansavelmente para construir um mundo mais justo, igualitário e solidário para todos.

Em conclusão, as teorias de Maria Firmina dos Reis são fundamentais para o entendimento da história e da cultura brasileiras, oferecendo insights valiosos sobre as complexidades das



relações raciais, de gênero e sociais em nosso país. Seu legado perdura como uma fonte de inspiração e como um lembrete da necessidade contínua de se confrontar e superar as injustiças e opressões que persistem em nossa sociedade.





REFERÊNCIAS

BRASIL. Lei nº 12.288, de 20 de julho de 2010. Institui o Estatuto da Igualdade Racial; altera as Leis nos 7.716, de 5 de janeiro de 1989, 9.029, de 13 de abril de 1995, 7.347, de 24 de julho de 1985, e 10.778, de 24 de novembro de 2003. Brasília, 2010. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2007-2010/2010/Lei/L12288.htm>. Acesso em: 20 de março de 2024.

BRASIL. Política Nacional de Saúde Integral da População Negra: uma política para o SUS. Ministério da Saúde, Secretaria de Gestão Estratégica e Participativa, Departamento de Apoio à Gestão Participativa e ao Controle Social. 3. ed. Brasília, 2017. Disponível em: <http://bvsmms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/politica_nacional_saude_populacao_negra_3d.pdf>. <Acesso em: 20 de março de 2024>.

COLLINS, Patricia Hill. EM DIREÇÃO A UMA NOVA VISÃO: raça, classe e gênero como categorias de análise e conexão; Race, Sex & Class , Vol. 1, No. 1 (Fall 1993), pp. 25-45; disponível em: <https://br.boell.org/sites/default/files/reflexoespraticasdetransformacaofeminista-1.pdf>

DAVIS, Angela. Mulheres, raça e classe. S.Paulo: Boitempo, 2016 [1981].



DAVIS, Angela. As mulheres negras na construção de uma nova utopia; disponível em: <https://www.geledes.org.br/as-mulheres-negras-na-construcao-de-uma-nova-utopia-angela-davis/> <acesso em 14.03.2024>

DUARTE, Eduardo de Assis. Maria Firmina dos Reis e os primórdios da ficção afro-brasileira. In: Literatura, política, identidades. Belo Horizonte: FALE-UFMG, 2005.

EVARISTO, Conceição. Poemas de recordação e outros movimentos, 3.ed., p. 24-25. 2020.

72

GOMES, Agenor. Maria Firmina dos Reis e o cotidiano da escravidão no Brasil. São Luís: AML, 2022.

IBGE (2019; 2023), e Atlas da Violência (2021; 2022).

MORAIS FILHO, Nascimento. Maria Firmina: fragmentos de uma vida. São Luís: Gráfica Gramada, 1975.

NASCIMENTO, Juliano Carrupt do. O negro e a mulher em Úrsula de Maria Firmina dos Reis. Rio de Janeiro: Caetés, 2009.

REIS, Maria Firmina dos. Úrsula. São Paulo: Companhia das Letras, 2018.





REIS, Maria Firmina dos]. Ursula, Romance original brasileiro, por Uma Maranhense. São Luís: Typographia Progresso, 1859. 199 p. Ed. fac-similar. Prefácio de Horácio de Almeida. Maranhão: Governo do Estado, 1975. [Reeditado em REIS, Maria Firmina dos. Úrsula. Introdução de Charles Martin e atualização e notas de Luiza Lobo. Rio de Janeiro; Brasília: INL, 1988. (Coleção Resgate); e em REIS, Maria Firmina dos. Úrsula. Atualização e posfácio de Eduardo Assis Duarte. Florianópolis: Mulheres, 2004.

REIS, Maria Firmina dos. A escrava. Conto. A Revista Maranhense, n. 3, 1887. [Republicado em MORAIS FILHO, Nascimento. Maria Firmina: fragmentos de uma vida. Maranhão: Imprensa do Governo do Maranhão, 1975; e em REIS, Maria Firmina dos. Úrsula. Florianópolis: Mulheres; Editora PUC-Minas, 2004. p. 241-262.]

REIS, Maria Firmina dos. Gupeva: romance brasiliense. In: _____. Úrsula e outras obras. Prefácio de Ana Maria Haddad Baptista e Danglei de Castro Pereira. 2aed. (Série prazerdeler; n. 11 e-book). Brasília: Câmara dos Deputados, Edições Câmara, 2019





REZZUTTI, Paulo. Mulheres do Brasil: A história não contada. Rio de Janeiro: Leya, 2018.

SANTOS, Carla Sampaio. A escritora Maria Firmina dos Reis: história e memória de uma professora no Maranhão do século XIX. 2016. Tese de Doutorado. [sn].

SCHWARCZ, L. M. Sobre o autoritarismo brasileiro. São Paulo: Companhia da Letras, 2019.

74

SOUZA, Ana Cláudia Silva de. A resistência das Joanas e das Firminas: uma análise do conto A Escrava, de Maria Firmina dos Reis. 2022.



SOBRE OS AUTORES (AS):



75

Professora Mestra
Ana Célia Pereira Damasceno de Macêdo



*“Ela! minha estrela, viva e bela,
Que ameiga meu sofrer, minha aflição;
Que transmuda meu pranto em mago riso.
Que da terra me eleva ao paraíso...
Seu nome!...
Oh! meus lábios não dirão!”*
Maria Firmina dos Reis

76

Caxiense, casada com Orisvaldo Macêdo, tem três filhas, Amanda, Andrezza e Ana'Mélia. Filha de Antonio Gomes Damasceno (Taxista) e Maria Benedita Pereira Damasceno (Doméstica). Master off Science Education pela Universidad San Lorenzo-PORTUGAL, graduada em PEDAGOGIA pela Universidade Estadual do Maranhão (1995). MBA em Gestão de Políticas Públicas pela UFRJ/Rio de Janeiro. Pós-Graduada em Supervisão Educacional pela Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais – PUC/MG. Especialista em Filosofia Contemporânea pela Faculdade do Médio Parnaíba – FAMEP-PI. Especialista em Ensino Religioso pelo Instituto de Estudos Superiores do Maranhão – IESMA.

TITULOS E COMENDAS OUTOGARDOS:

- Em 2003, recebeu do Ministério da Educação e Cultura (MEC), o Título de “Professor Escola Solidária”, com o Projeto “Faça uma Criança sorrir”, implantado no Centro de Ensino Médio Thales Ribeiro Gonçalves.

- Em 2012 recebeu o Título de “Professora Amiga da Escola” pela Rede Globo de Televisão.

- Foi agraciada com a Comenda “Antonio Gonçalves Dias”, outorgada pela Academia Caxiense de Letras e Universidade Estadual do Maranhão, (2014), pelos relevantes serviços quando Presidente e Governadora





Assistente do Rotary Club Caxias, Distrito 4490.

- Foi congratulada com o Título “Cidadã Tupi Guarani” concedida pelo Instituto Histórico e Geográfico de Caxias (2014).

- Recebeu a Medalha “Alferes Tiradentes” bronze(2017) e ouro(2018), pelo Insitituto Tiradentes, reconhecida por populares em pesquisa midiática, a partir de serviços e políticas educacionais capitaneadas a frente da SEMECT – Secretaria Municipal de Educação de Caxias no Governo Fabio Gentil;

- Recebeu o Titulo de Patronesse “Sala de Leitura Profa Ana Celia Damasceno” (2019), outorgada pela UIM Jose Belmiro de Paiva, inaugurada em 22/12/2020), em reconhecimento pelo incentivo a leitura e Bibliotecas Escolares;

- Recebeu a Homenagem Ação Comunitaria na Educação: apoio as Escolas Comunitarias de Caxias, OUTORGADO pela Escola Comunitaria Sebastiana Costa em 19/12/2022;

- Recebeu o Titulo Cidada Gonçalves(2023), pelo Insitituto Historico e Geografico de Caxias-Maranhao, pelos relevantes serviços e apoio a cultura caxiense, em especial dentro das comemorações dos 200 Anos de Gonçalves Dias;

- Recebeu a Comenda Ubirajara Fidalgo(2023), na Feira de Literatura, Cultura e Turismo da Região dos Cocais(FLECT), em reconhecimento a incentivo e relevantes serviços de apoio à Educação e Cultura caxienses;

- Comenda do Mérito Legislativo da Câmara de Caxias. Projeto de Decreto Legislativo que institui a honraria, de autoria do Presidente do Legislativo Caxiense, o Vereador Teódulo Aragão.





TROFEIS RECEBIDOS:

- Troféu Dia Internacional da Mulher, (2018), homenagem conferida a quem com Força, Sabedoria e Delicadeza, transforma o nosso dia-a-dia em algo suave e encantador;

- Troféu Personalidades “Ezequias Gonçalves Costa”, (2019), em Teresina – Piauí, concedido pelo Jornalista Daniel Ribeiro, destacando-se na área de políticas públicas para Educação;

- Comenda “Prof^a Anna Maria Saldanha”, do Conselho Estadual de Educação - CEE, (2019), sendo a mais alta honraria da Educação concedida pelo Estado do Maranhão pelos relevantes serviços prestados e implantação de políticas públicas educacionais e ambientais – escolas sustentáveis;

- Troféu FLICT/2018, FLICT/2019, FLICT/2022, do Comitê Intersetorial FLICT-Caxias, concedido pelo brilhante serviço envidado para a realização da Feira de Literatura, Cultura e Turismo da Região dos Cocais;

- Troféu Gestor Parceiro - Equipe Destaque 2019: Saúde e Educação, juntas pelo mesmo propósito, reconhecimento pelo alcance de 80% das Ações Intersetoriais do Programa Saúde na Escola;

- Troféu SAMU Regional Caxias: I Turma (2017), II Turma(2018); III Turma(2019); IV Turma(2022); Projeto Samuzinho na Escola, reconhecimento pela participação no desenvolvimento do projeto nas escolas municipais de Caxias;

- Troféu Busca Ativa Escolar: Fora da Escola não Pode! (2022). Outorgado pela UNDIME/MA ao Município e a Secretaria Municipal de Educação por ser o único município maranhense que garante a permanência da Equipe de Trabalho pela mesma quantidade





de Anos de implantação do Programa Saude na Escola;

- Trofeu Premio Destaque Governo (2022); FlicT 1º Lugar no voto popular, outorgado pela TV;

- Trofeu XLI, XLII e XLIII Jogos Escolares Caxienses (2020, 2021, 2022), outorgado pela Prefeitura Municipal de Caixas através da Secretaria Municipal de Cultura, Esporte, Turismo, Juventude e Patrimonio Historico pelo apoio incondicional ao Esporte e Jogos Escolares.

- Trofeu ParaJEMS: 50 Anos de Historia(2022), por apoiar o esporte e os Jogos Para-Olimpicos Maranhenses, outorgado pela Secretaria Estadual de Desporto e Lazer;

- Trofeu Novelle Etoile (2022), outorgada pelo Institut Cultive Suisse Bresil durante o Congres International Cultive Maria Firmina dos Reis em Recife-PE, pelo trabalho desenvolvido a frente da Secretaria Municipal de Educação, Ciencia e Tecnologia de Caxias – Maranhao no período 2017-2022;

- Trofeu Diamante Cultural (2022), outorgada pelo Institut Cultive Suisse Bresil, durante o Congres International Maria Firmina dos Reis em Recife-PE, pelo apoio a educação e cultura durante a Feira de Literatura, Cultura e Turismo da Regiao dos Cocais;

- Trofeu Premio Destaque Feira Literária (2023); FlicT 1º Lugar no voto popular, Premio Destaque Governo FLICT(2023), Prêmio Destaque Governo FLICT-Caxias(2024), outorgado pela INovare Marketing e Consultoria.



80



Professor Mestre
Kaio Germano Sousa da Silva

*“Deixara eu de amar-te,
quisera um momento,
Que a vida eu deixara também de gozar!
Delírio, ou loucura
- sou cega em querer-te,
Sou louca... perdida,
só sei te adorar.”*
Maria Firmina dos Reis



De Caxias Maranhão, terra do ilustre Gonçalves Dias, filhos de professores, lavradores e quebradeiras de coco babaçu. Fanático pelo mundo de fantasias, romances, suspenses e drama, desde de criança imaginava - se ser um grande aventureiro, tem como inspirações Maria Firmina dos Reis, J.K Rowling, Clarisse Lispector, Gonçalves Dias, George R. R. Martin, C. S. Lewis e entre outros. Mestre e Doutorando pelo Programa de pós-graduação em Alimentos e Nutrição – PPGAN/UFPI; Possui graduação em Nutrição pela Faculdade de Ciências e Tecnologia do Maranhão (2017), graduação em Licenciatura em Letras - Libras pelo Centro Universitário Leonardo da Vinci (2022), graduação em Licenciatura em Pedagogia pelo Centro Universitário ETEP (2022), graduação em Licenciatura em Ciências Biológicas pelo Centro Universitário ETEP (2022), graduação em Bacharel em Teologia Livre pela Faculdade e Seminário Teológico Nacional (2018). Tem experiência na área de Nutrição, com ênfase em Desenvolvimento de produtos e Ciências dos Alimentos e Educação Especial e Ensino de Metodologias ativas e científicas, atuando principalmente nos seguintes temas: Libras, Surdo, Inclusão, coco babaçu, doenças inflamatórias e Vignas. Autor do livro “Meu babaçu de cada dia”, mais de 20 capítulos de livros publicados e vários poemas expostos em antologias nacionais e internacionais. Membro imortal da Academia Internacional de Literatura Brasileira (AILB) e Membro correspondente da Academia Inclusiva de Autores Brasiliense (AIAB).

81

PRÊMIOS E TÍTULOS:

- Em 2019, recebeu a Menção Honrosa de 1º lugar





na modalidade poster com o trabalho A inclusão do Surdo e deficiente auditivo no âmbito educacional: uma revisão., I Seminário de LIBRAS mãos que Comunicam (ISLMC) promovido pelo Instituto Sentidos.

82





83

Professora Mestra
Celiana Lima da Silva

*“Quando baixar benéfico a meu leito,
Esse anjo de deus, pálido, e triste
Amigo derradeiro.
No seu último arcar, no extremo alento,
Há de seu nome pronunciar meus lábios,
Seu nome todo inteiro!...”*
Maria Firmina dos Reis



Ouricuriense (PE). Filha de Lourival Medeiros de Lima (pedreiro) e Marinez da Silva Lima (auxiliar de almoxarifado). Mestranda PROFEI-UEMA, Graduação em Ciências Biológicas pela Faculdade de Formação de Professores de Araripina- FAFOPA (2007-2010), Graduação em Letras-Libras, Centro Universitário Leonardo da Vinci-UNIASSELVI.

Especialização em Educação Inclusiva, Especial e Políticas de Inclusão pela Universidade Cândido Mendes, especialização em Língua Brasileira de Sinais LIBRAS pelo Centro de Ensino Superior Múltiplo-CESM e Especialização em Ciências da Natureza, Suas Tecnologias e Mundo do Trabalho pela Universidade Federal do Piauí-UFPI (2022). Atualmente é Professora/Intérprete de Libras- SEDUC-SECRETARIA DE ESTADO DE EDUCAÇÃO- MARANHÃO (2016 até presente data), porém já atuou como Tradutora/Intérprete de Libras no Instituto Federal do Maranhão IFMA-Bacabal-MA (2018/2019), Instituto Federal de Pernambuco – IFSERTÃO (2013/2016) e SEPE-SECRETARIA DE EDUCAÇÃO DE PERNAMBUCO (2009/2016).





★ 1822

† 1917

MARIA

FIRMINA

DOS REIS

"Alma Maranhense"

MEXERA BÉGIA & REFERÊNCIA HISTÓRICA NA LITERATURA BRASILEIRA

W.M. PRA XÃO



S3ria Comunicação

ISBN: 978-65-994433-6-7

CDL



9 786599 443367